



IX ANPED SUL
SEMINÁRIO DE PESQUISA EM
EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL **2012**

BLOG: ESTRATÉGIA DE ENSINO E INTERAÇÃO NO ENSINO MÉDIO.

Rodrigo Inacio de Castro - UFPEL
Rosária Ilgenfritz Sperotto – UFPEL

Resumo: Pesquisa objetivou acompanhar e conhecer os processos de interações estabelecidas entre os alunos de uma turma do segundo ano do Ensino Médio de uma escola da Rede Estadual de Ensino de Pelotas – Rio Grande do Sul, durante a disciplina de estágio IV da Faculdade de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, bem como propor um espaço virtual para a construção de pontos de vista críticos/reflexivos sobre diferentes temáticas, através de um Blog. A opção pela escolha de um site de rede social como ferramenta justifica-se pelo fato de que o Blog possibilita uma coleta de dados de caráter misto: quali/quantitativa. No presente artigo apresentamos a parcela de dados qualitativos da intervenção, com base nesses elementos mostramos de que forma os discentes utilizaram o Blog como uma ferramenta para ser usada como um instrumento de ensino e seus reflexos na aprendizagem. Percebeu-se que a escrita no blog possibilitou a expressão de interesses e desejos que oportuniza a expressão de uma forma de aprendizagem através do uso de um site de rede social, o Blog.

Palavras chave: Sites de Redes sociais, Interação, Tecnologias da Informação e Comunicação.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta reflexões elaboradas a partir de uma intervenção realizada no primeiro semestre do ano de 2011. Buscamos acompanhar os processos de interações estabelecidos entre dezessete alunos de uma turma regular do segundo ano do Ensino Médio de uma escola da Rede Estadual de Ensino de Pelotas – Rio Grande do Sul, durante o estágio IV do curso de Ciências Biológicas, utilizou-se um site de rede social como meio para a discussão de pontos de vista críticos/reflexivos sobre diferentes temáticas.

A ferramenta escolhida para a realização da experiência de ensino foi o Blog: o *Blogger* (www.blogger.com) que permite ao usuário postar textos, vídeos, imagens e *links*, bem como os sujeitos podem postar comentários sobre o conteúdo, configurando o intercâmbio de opiniões. A coleta de dados se estabeleceu ao longo de toda a experiência de ensino, porém para o presente trabalho realizou-se um inventário contendo dez perguntas descritivas, aplicado ao final da intervenção, a fim de indagar algumas reflexões dos alunos sobre o uso de Tecnologias da Informação e comunicação (TIC) no processo de ensino e aprendizagem.

O ENTORNO DA PROBLEMATIZAÇÃO

Nossa inquietação inicial foi a de: como tornar a discussão de temas transversais uma prática no cotidiano escolar? Será que sites de redes sociais oferecem suporte para essa prática? Como os alunos percebem a utilização do blog como uma ferramenta educativa? Sustentamos o trabalho com a hipótese de que acima da necessidade de edificar opiniões e da superação temporal, o uso de tecnologias de redes possibilita o desenvolvimento de interações e a internet o intercâmbio de um segundo grupo de sujeitos, os que não estão dentro do contexto escolar, mas estão inseridos do contexto do dispositivo. Dessa forma, estamos diante da possibilidade de múltiplas interações sociais voltadas para um objetivo; a construção de pontos de vista sobre diferentes temáticas.

Com um breve estudo sobre as diferentes teorias de aprendizagens e traçando um perfil dos atuais alunos podemos perceber que a escola, exclusivamente, apoiada na Análise Experimental do Comportamento (AEC), ou seja, comportamentalista, não alicia a atenção e nem desperta o desejo de aprender dos discentes. Gordon Dryden e Jeannette Vos no livro “*Revolucionando o aprendizado*” de 1996 já questionavam o modo de aprendizagem das escolas, demonstrando em seu livro diferentes metodologias como, por exemplo, os *Mind-map*.

Grande parte da educação, na verdade, ainda se assemelha ao método industrial de produção em declínio: um currículo de linha de montagem padrão dividido em matérias, ensinados em unidades, organizados em anos ou semestres e controlados por testes padronizados. Isto não reflete mais o mundo em que vivemos. E os sistemas educacionais tradicionais não acompanham mais as demandas das novas realidades. (DRYDEN G. & VOS J., 1996 p.21)

Tendo em vista o ano de publicação do livro e a educação efetiva certifica-se que pouca ou nenhuma mudança nas formas de aprendizagem realmente aconteceu, salientando que nessa época recém estava ocorrendo à popularização do micro computador. A educação contemporânea com diversas possibilidades de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) faz pouco uso dessas, mantendo-se no limite do quadro negro e o livro didático, a “balisa” das paredes da sala de aula. Cabe salientar que o próprio quadro negro e o livro didático são dispositivos tecnológicos, porém nosso enfoque é baseado nas Tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC). O ensino deve ultrapassar as barreiras da escola e conectar-se com as atividades cotidianas dos alunos e com as TDIC temos excelentes

ferramentas para instigar uma aprendizagem interativa. Segundo Perrenoud formar para as novas tecnologias é:

Formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, e de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000 p. 128 apud RADAELLI, 2011).

As considerações de Gordon Dryden e Jeannette Vos são complementadas por Wim Veen, que juntamente com Ben Vrakking publicou o livro *Homo zappiens: Educando na era digital*, (2009), porém também segue a linha da apresentação de um novo sujeito permutado com os recursos tecnológicos atuais, trazendo uma perspectiva de uma “geração que nasceu com um mouse nas mãos” (VEEN, 2009. p.11). Dentro do enfoque apresentado por Wim Veen muitos autores utilizam o termo Ciberinfância, sendo uma infância onde os indivíduos lidam desde seu nascimento com as tecnologias. De acordo com Dornelles (2005 apud AMARAL, 2011) essa seria apenas uma das infâncias que constituem a nossa sociedade. Contudo, é interessante notar que as Tecnologias da Informação e Comunicação são extremamente mutáveis, pois uma publicação recente como o livro citado já pode ser considerada ultrapassada, uma vez que estamos entrando em uma nova geração, a *Geração Touch*.

De acordo com VEEN (2009, p.12) “Homo zappiens é digital e a escola analógica”. Realizando uma comparação, seria o mesmo que estudar em 1970 conhecendo as tecnologias de 2011. Dentro da ideia de escola digital possuímos diferentes dispositivos para facilitar a aprendizagem. O conceito de dispositivo é amplamente discutido por diversos autores que relatam múltiplas características unidimensionais e multidimensionais de intercâmbios entre os sujeitos. KLEN (2007) destaca que:

O dispositivo enquanto dimensão técnico-tecnológica é o mais destacado nos estudos comunicacionais, especialmente quando se refere à produção e circulação de imagens. O dispositivo, enquanto técnica, diz respeito às operações realizadas, e enquanto tecnologia, aos suportes tecnológicos, ou seja, as máquinas, os equipamentos e instrumentos utilizados nos processos de comunicação (KLEN., 2007 p. 06)

Daniel Peraya (1999) ressalta que o dispositivo é triádico, ou seja, “uma tecnologia; um sistema de relações sociais; um sistema de representações”. Complementa Amaral (2011), “os artefatos tecnológicos digitais devem servir para potencializar as práticas pedagógicas e, para isso, é necessário mudar paradigmas”. A autora destaca a necessidade de abrir portas

para o uso das tecnologias, ou seja, edificar um olhar para o que antes não era visto como uma ferramenta de aprendizagem. O conceito de artefato assemelha-se ao do dispositivo, como relata Amaral:

Os artefatos são instrumentos carregados de significados, por isso ensinam modos de ser e estar para os sujeitos. Assim, os artefatos tecnológicos digitais (ATD) são sistemas complexos que carregam práticas discursivas a serem interpretadas de diferentes formas por seus usuários (AMARAL., 2011).

Lima (2001 apud RADELLI, 2011) destaca que “a introdução das tecnologias da comunicação na educação está associada não apenas a mudanças tecnológicas, mas também sociais”.

A TIC escolhida para a realização da experiência de ensino foi o Blog: “Os weblogs, blogs, surgidos ao final dos anos 90, difundiram-se rapidamente, pela facilidade de produção, que não exige grandes conhecimentos de linguagem HTML.” (FRANCO, 2005). A escolha da tecnologia Blog justifica-se pela proposta da intervenção de instigar a visão crítica/reflexiva através da escrita, sendo esse passível de publicações de textos extensos, imagens e vídeos como acentua Marta Franco:

Como característica técnica, os blogs apresentam a possibilidade de publicação instantânea, em entradas cronologicamente inversas, permitindo a divulgação de textos, imagens, músicas, à capacidade de arquivamento de mensagens anteriores, disponível ao leitor, além de hiperlinks, que tanto podem complementar o assunto em debate, quanto relacionar um blog a outros blogs. (FRANCO, 2005)

VEEN (2009, p. 55) destaca que além de diários os Blogs são usados para discussão de assuntos específicos, onde “a nova geração de usuários usa cada vez mais a internet para formar comunidades e redes nas quais discutem qualquer coisa”. Acima de todos os recursos disponíveis pela plataforma o dispositivo selecionado permite a interação social entre os sujeitos, um dos nossos interesses de pesquisa. Segundo Miller (2006 apud Mülbert 2011), a interação social corresponde a uma parte cada vez mais significativa da aprendizagem, pois cada vez mais os estudantes se sentem motivados a aprender na interação com seus pares. De acordo com Wellman (1988 apud Body & Ellison 2007) “o mundo é composto de redes, e não grupos”.

As ações e relações entre os indivíduos são observadas pelas postagens de comentários, possibilidade de seguir o Blog, recebendo assim as atualizações do mesmo e

compartilhando os *posts* nas redes sociais como: Twitter, Orkut, Facebook entre outras. Dessa forma, possuímos a disponibilidade de termos acesso a recursos síncronos e assíncronos.

O leitor pode se perguntar o porquê do uso da internet em um estudo de interações sociais? No livro “*Métodos de pesquisa para a internet*” de FRAGOSO (2011) torna-se claro o uso de redes sociais “para a compreensão de uma sociedade que se encontra cada vez mais estruturada como rede e que utiliza novas ferramentas de rede”. As autoras destacam ainda que “ao estudar as estruturas decorrentes das ações e interações entre os atores sociais é possível compreender elementos a respeito desses grupos e, igualmente, generalizações a seu respeito”. Também, ressaltam-se na publicação as múltiplas possibilidades do uso da internet como objeto, local e instrumento de pesquisa.

Seguindo na análise do uso das redes sociais como dispositivo para a educação proponho uma apreciação das mesmas juntamente com algumas considerações teóricas da teoria sócio-histórica de Lev Vygotsky, onde em meio a Revolução de 1907 o autor formulou suas ideias de psicologia sócio-histórica. A proposição de Vygotsky evidencia uma discussão sobre a interação do homem com os objetos culturais, linguagem e com outros sujeitos.

A mudança individual tem sua raiz nas condições sociais de vida. Assim, não é a consciência do homem que determina as formas de vida, mas é a vida que se tem que determina a consciência (BOOK., 2002 p.86).

Dentro dessa ideia o homem é construído a partir de sua influência no meio e interações com outros homens. Através das redes sociais conseguimos visualizar essas relações de intercâmbios entre os sujeitos. Segundo RECUERO (2011, p.115) com o estudo de redes compreendemos os elementos (interações e influencias) que ocorrem nos grupos. Esses grupos em uma escala pequena, refletem o comportamento de uma sociedade, ou seja, é feito uma generalização a respeito dos elementos visualizados. Tendo em vista que os nossos modos de ser são sociais e que, “por exemplo, os hábitos alimentares e o comportamento sexual do homem são formas sociais e não naturais de satisfazer necessidades biológicas”. BOOK (2002, p.88).

Um site de rede social, por exemplo os Blogs, pode ser visto como instrumento no qual o homem tem a possibilidade de manter suas relações e por consequência manter o fluxo de socialização que o humaniza. “O homem existe, age e pensa de certa maneira porque existe em um dado momento e local, vivendo determinadas relações” (BOOK 2002, p.91). O caráter de redes sociais como instrumento contorna outro conceito-chave importante da teoria do

Vygotsky, o conceito de mediação. Dessa forma as redes sociais atuam como mediadores dos relacionamentos estabelecidos *off-line* “transformando” as relações.

A dinâmica social como os sujeitos interagem, reflete diretamente nos modos de ser, dissecando o homem em subjetividade individual e social que interagem continuamente para a formação do mesmo. Trazendo a ideia de Vygotsky para o contemporâneo, onde o ciberespaço esta tomando grandes proporções com as ferramentas da Web 2.0 acrescento a concepção trazida por SIBILIA (2008, p.245) sobre outra subjetividade, a alterdirigida. “tudo que se é deve ser visto para poder realmente ser”, dessa forma a ideia capitalista de que o “ser” tornou-se o “ter” hoje assume outra vertente, a do “parecer”. As ideias de SIBILIA apresentam grandes contribuições para o estudo dos sujeitos dentro da psicologia sócio-histórica, pois indicam pistas da emergência de uma subjetividade das juventudes no contemporâneo.

Creemos que a união entre o estudo das redes sociais e a teoria sócio-histórica necessita de um aprofundamento, porém poucos estudos foram feitos a respeito dessa possível hibridização, e não querendo ser simplista com nenhuma das teorias discutidas, no presente trabalho propomos exclusivamente algumas reflexões e indicamos algumas pistas acerca da temática que está sendo desenvolvida.

George Siemens em 2004 propôs uma nova teoria, o Conectivismo, um estudo teórico voltado para a era digital. Evidentemente que o Behaviorismo, Cognitivismo e Construtivismo colaboraram muito para que entendamos os procedimentos de aprendizagem, porém os hábitos contemporâneos necessitam uma nova formulação de ideias e adaptação dos conceitos anteriormente descritos pelos autores.

Dentro da concepção conectivista a aprendizagem apresenta-se com outras ramificações, como a aprendizagem informal, a “educação formal não mais cobre a maioria de nossa aprendizagem. Aprender agora ocorre em uma variedade de maneiras – através de comunidades de prática, redes pessoais e através da conclusão de tarefas relacionadas ao trabalho” (SIEMENS, 2004). Esse conceito trás ideias de aprendizagem colaborativa, inteligência coletiva (LEVY, 1997) e rizoma (KASTRUP, 2003) incorporando os modos “conectados” da juventude a forma de assimilação de conteúdos dos mesmos.

SIEMENS (2004) destaca que todas as teorias de aprendizagem tomam o conhecimento como um objeto atingível através do raciocínio ou da experiência, ocorrendo assim “dentro” da pessoa e de forma linear, porém vivemos em um mundo *hiperconectado*, onde sua principal característica é a grande quantidade de fontes/meios de informação, sendo que “a necessidade de avaliar a importância de aprender algo é uma habilidade que é aplicada

antes da própria aprendizagem começar”. O autor questiona como aprendemos em um mundo que não é mais linear e de que forma o caos pode influenciar nosso modo de aprender. De fato se o caos existe no contemporâneo o “desafio dos aprendizes é reconhecer os padrões que parecem estar escondidos” e a “construção de significado e conexões que formam entre as comunidades especializadas são atividades importantes”.

Dessa forma o Conectivismo visa à conexão dos princípios explorados pelo caos, a complexidade da rede e a auto organização das teorias, tendo a aprendizagem como “um processo de conectar nós especializados ou fontes de informação”. Sendo assim, trabalhos que envolvem a análise de redes sociais podem ajudar a compreender como a aprendizagem esta sendo constituída no contemporâneo. O autor finaliza os conceitos chaves de sua teoria destacando que a “capacidade de aprender o que precisamos para amanhã é mais importante do que aquilo que conhecemos hoje”; ou seja, vivemos em um mundo que editar, reorganizar e saber usar as ferramentas, por exemplo ter acesso a informação, pode ser considerado mais importante que o conhecimento fornecido pelas mesmas.

CAMINHOS DA PESQUISA

Foi aplicado um questionário com os alunos contendo dez questões descritivas referentes à intervenção, ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação e a proximidade do professor através das novas possibilidades que a internet permite, dentre eles as redes sociais e programas de mensagens instantâneas. Cabe salientar que os dados apresentados são procedentes de um recorte de apenas uma das análises, porém foram realizadas outras, como por exemplo, o uso de metodologias do estudo de redes. Todas as falas dos alunos não possuem identificação e serão grifadas em itálico.

O primeiro questionamento foi referente ao uso do dispositivo (Blog) na instituição escolar e também a propósito do conhecimento dos alunos sobre o mesmo. Todos os alunos classificaram como positiva a experiência da utilização do Blog, como destaca o aluno:

“Bom na minha opinião eu gostei, pois é algo novo em que podemos ter liberdade de dar nossa opinião e conhecer outras também, algo que não podemos fazer com tanta frequência em aula. Nunca havia utilizado em casa e nem na escola.”

Sobre o uso do Blog alguns alunos já estavam familiarizados com o dispositivo, porém nunca utilizaram para a aprendizagem ou mesmo discussão de temas contemporâneos:

“Na minha opinião é uma ferramenta bastante usada em meios de comunicação, gostei muito. Já usei em casa, postando textos, poesias. Mas na escola foi a primeira vez, gostaria que continuasse existindo, comentando sobre temas da atualidade”

É interessante notar que os alunos aceitaram a proposta como uma nova forma de ensino, apesar do caráter de lazer que o uso da internet possui a “geração zappiens” observa o potencial da ferramenta de ensino, como diz o aluno:

“É interessante, pois é uma nova metodologia de ensino. Não tinha utilizado antes.”

De acordo com VEEN (2009, p.56) “os blogs são como novos livros, contendo o número do celular do autor, com um ‘ligue-me’ ao final do texto”.

O segundo questionamento foi sobre a importância de ter um espaço (virtual) para discussões na escola, os dados revelam a falta de tempo que os discentes têm em discutir temas transversais como ponto central da indagação. Essa pergunta foi acrescida ao questionário com a finalidade de mapear a importância que a juventude atribui aos assuntos não vistos como conteúdo propriamente dito do plano de ensino. Todos os alunos avaliaram como importante ter um espaço para discutir temáticas contemporâneas entre outros temas, como por exemplo, os relacionados com o próprio conteúdo:

“Sim, por mais que eu não tenha participado eu acho muito importante ter um espaço para falar de alguns assuntos.”

“Sim claro, abre portas para novos conhecimentos e oportunidade de novas ideias.”

Os alunos repetidamente demonstram interesse em saber a opinião uns dos outros, destacando a possibilidade de conhecer a forma que seus colegas pensam como uma das oportunidades que o uso das TIC oferece. As relações em rede descritas por FRAGOSO (2011) tornam-se evidente em falas como:

“Sim, é importante para o aluno poder ler a opinião dos outros e expressar a sua.”

Assim como as ideias de “geração digital” e “geração-net” (TAPSCOOT, 1999 apud AMARAL, 2011) são descritas pelos próprios discentes que enfatizam seus modos de ser, bem como criticam a falta de espaço para a expressão de suas formas de pensar:

“Sim! É bem legal, pois hoje em dia todos jovens gostam de usar a internet, e tendo um tema para discutir fica bem interessante.”

“Acho importante, porque na maioria das vezes, o professor leva muito tempo para passar o conteúdo, e não dá tempo para discutir sobre assuntos atuais. E também o Blog é um espaço para que alunos possam se expressar de uma forma melhor.”

“Acho muito importante, pois muitas vezes não podemos expor nossas ideias”

Questionamos também sobre o desejo que os alunos poderiam ter de que a escola reserva-se uma parcela de seu tempo para atividades relacionadas às TIC. As respostas

demonstram essa aspiração, porém um aluno relata que prefere as metodologias tradicionais de ensino:

“Não, gosto dos métodos tradicionais de ensino, nada que envolva tecnologias.”

O depoimento contrário ao uso das tecnologias frisa a importância de não substituir um método por outro, pois não podemos generalizar que todos os nascidos a partir da década de 80 possuem intimidade, ou mesmo gostem de computadores. Dentre os alunos que desejam a inclusão das TIC no processo de ensino/aprendizagem ocorrem falas sobre o incentivo que os mesmo teriam ao usá-la:

“Sim, seria uma atividade diferente. Talvez íamos nos interessar mais pela matéria.”

“Sim, pois o blog serve como incentivo para os alunos.”

Os fragmentos supracitados, de alguns dizeres dos alunos, servem como “incentivos” vindo ao encontro da ideia de VEEN (2009, p. 29) em que cita que com o uso da internet os discentes “clacam até que achem o que querem, buscando ícones, sons e movimentos mais do que propriamente letras”. Com relação à importância da escola incluir outras metodologias que priorizem o uso das TIC obtivemos diversas respostas argumentadas com diferentes fatores subjetivos e metodológicos:

“Sim, é uma ferramenta que provavelmente usaremos muito em nosso futuro, por isso acho que devia ser necessária em nossa escola.”

“Sim, porque o jovem praticamente vive da internet e o uso das tecnologias é um recurso que chama bastante a atenção.”

“Sim, pois usamos as tecnologias.”

“Sim; porque a maioria das coisas novas estão na internet.”

“Sim, porque assim os alunos podem participar mais dos assuntos abordados e serem melhores avaliados.”

“Acho que devíamos ter notebooks que pudéssemos acessar a internet. É importante para pesquisas.”

Dentre os argumentos evidencia-se a preocupação com os modos de vida que os alunos levarão no futuro, seja no meio profissional ou pessoal. DRYDEN (1996, p.23) salienta a importância do raciocínio criativo e habilidades conceituais que não são trabalhadas na escola (no seu tempo e até os dias atuais), arriscamos dizer que o uso das TIC pode representar um dos meios para o desenvolvimento desses raciocínios que serão usados na vida

profissional de nossos alunos. Destaca-se, também, o modo “conectado” dos adolescentes tornando-se claro a influencia das tecnologias sobre suas subjetividades. “A conectividade *online* possibilita estar junto, tirar dúvidas e trocar resultados” (CANTARELLI, 2009, p. 77).

Expandindo a possibilidade das ferramentas tecnológicas questionamos os alunos sobre quais outros dispositivos eles consideram importantes que a escola se aproprie para melhorar o ensino/aprendizagem. Dentre as respostas os alunos demonstraram o desejo de maior uso da sala de informática, uso de vídeos (Youtube), bem como a criação de um site para a escola.

“Com eu falei na questão anterior o data show, aulas de vídeos, sala de informática.”

“O colégio poderia fazer um site, com senha para os alunos. Lá poderiam colocar as notas (mas só o aluno poderá ver sua nota) colocar fotos, noticia.”

“Blogs, sites”

“Data show, aulas praticas, laboratório se possível e sala de informática.”

Tecnologias do cotidiano de outras escolas ainda são novidades para a realidade da instituição em foco, como o Data-show mencionado pelos alunos que estava chegando à escola logo no final da intervenção.

As respostas evidenciam o desejo de trazer para as práticas escolares outras metodologias como o uso dos laboratórios e aulas práticas (principalmente na disciplina que estava lecionando, biologia) apesar dessas não serem contempladas como TIC.

Percebe-se hoje que professores e alunos utilizam, principalmente em turmas universitárias, o correio eletrônico (e-mail) e durante a intervenção foi um componente fundamental da metodologia, pois através do envio dos textos que ocorria a mediação das postagens no Blog. A turma não possuía um e-mail próprio para fins acadêmicos, dessa forma com a criação de um endereço de correio eletrônico para o presente trabalho também foi feito o uso do mesmo para fins acadêmicos da disciplina a qual ministrava. Sobre o uso do e-mail os alunos destacam que:

“Foi mais prático para me organizar e com mais agilidade.”

“Certamente, pois é algo que posso usar sempre e acaba sendo de certa maneira fácil para o alcance de todos.”

“Facilitou bastante, por não precisar imprimir e fazer todas aquelas funções...”

“Sim! Pois tinha vezes que eu não entregava por não ter tinta para impressão, e também por preguiça de copiar.”

“Facilitou sim, pois como to sem tinta na impressora era só mandar por e-mail (kkkk).”

“Sim, com certeza pois é muito mais fácil, não precisamos imprimir.”

“Não porque não tenho intimidade com o computador.”

Respostas evidenciam que o e-mail agiliza a entrega de trabalhos, notas, bem como suprime a necessidade de imprimir ou copiar os trabalhos. Muitos alunos demonstraram uma visão ecológica/sustentável do uso do e-mail, destacando que não gastariam com papel, logo diminuiria o impacto no planeta.

Ao longo da intervenção outras redes sociais como Twitter, Facebook e Orkut, foram utilizadas como meios de aproximação entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos. Partindo dessa primeira experiência de aproximação virtual de um professor questionamos sobre os efeitos que poderia ocorrer no convívio escolar. Os alunos mostraram-se favoráveis a uma maior aproximação com os professores, pois dessa forma conheceriam melhor os mesmos e poderiam manter uma relação de amizade e não exclusivamente o papel engessado de professor e aluno. CANTARELLI (2009) destaca que a construção de vínculos é um fator fundamental para a aprendizagem.

“Sim, porque você acaba conhecendo mais os professores.”

“Melhora muito, porque aí o professor torna-se um “amigo” dos alunos, e fica de igual para igual com o aluno.”

“Sim; porque tem oportunidade de saber a opinião pessoal da pessoa, e sua personalidade.”

“Sim, pois gera uma grande amizade entre eles.”

“Sim, pois os dois têm mais intimidade para conversar sobre certos assuntos e criar uma amizade maior.”

Contrariando a ideia de que os jovens não conhecem os limites de privacidade nas redes sociais, alguns alunos demonstraram preocupação com a falta de limites que poderia ocorrer com a divulgação de informações pessoais, seja por parte do professor como dos discentes.

“Depende de cada pessoa, tem que haver limite. Se for para passar informações que não conseguimos guardar, seria muito bom.”

“Depende, pois a questão é que uma rede social não tem limites cada um comenta e faz o que quer, assim depende de quem quer se expor. Mas isso vai de pessoa para pessoa, se for para se informar e ajudar acho que é uma boa opção.”

É válido ressaltar que existem alunos que não gostariam de uma maior aproximação com os professores por motivos não mencionados:

“Não. Penso que a relação professor-aluno deve se estender apenas em sala de aula e colégio.”

Além das redes sociais utilizamos o programa de mensagens instantâneas Windows Live Messenger para manter contato com os alunos. Segundo VEEN (2009) uma das plataformas mais utilizadas dos últimos tempos:

O MSN é atualmente uma das plataformas de comunicação mais utilizadas. Somente na Holanda, há quatro milhões de usuários (quase um quarto da população do país), enviando 22 milhões de mensagens por dia. O MSN está quase sempre ligado – o Homo zappiens está ligado em rede com amigos físicos e virtuais (VEEN., 2009, p.31).

Da mesma forma que questionamos a aproximação dos professores com o uso das redes sociais indagamos sobre o desejo de que os professores disponibilizassem esse espaço virtual para discussões relevantes. Dentre os argumentos os alunos destacaram que ajudaria quando os mesmos tivessem a necessidade de faltar a uma aula, correção de trabalhos, resgatar alguma matéria e tirar dúvidas.

Partindo desse desejo se faz necessário que a escola repense suas metodologias e avalie a abertura de um espaço para as TIC. Segundo CANTARELLI (2009, p. 72) a inclusão das TIC na escola atende a “necessidade de instantaneidade, dinamismo, possibilidade de acesso, propiciando novos espaços de produção de saberes, de conhecimentos e relação social”.

“Sim, pois fico bem melhor até para a questão de faltar a aula.”

“Se for possível, ambas as partes facilita o processo de correção de trabalho.”

“Sim, podemos ter as perguntas respondidas fora da escola. Tirar nossas dúvidas, melhorar o aprendizado.”

Outro item nas respostas é a aspiração de uma maior interação com os professores:

“Sim, porque agente mal conversa com os professores porque chegam na aula e só tem matéria para passar.”

“Sim! Para interagir mais com os professores.”

ALGUMAS PISTAS ENCONTRADAS

A criação de um espaço virtual para expor pontos de vista críticos/reflexivos obteve êxito. O engajamento dos alunos, utilizando o site de rede social – o Blog, pode ser considerado como uma “resposta positiva”, uma familiaridade ou talvez que houve uma comunicação que operou de forma efetiva, pois os alunos utilizaram o site de rede social com interesse e dedicação. Observa-se isso através da participação no blog e avaliação final do inventário investigativo, à ação expandiu-se mundialmente, atingindo indivíduos que colaboraram com a sua participação, mesmo não fazendo parte das práticas habituais utilizadas no contexto escolar da instituição em foco. Acreditamos que essa “experiência prática” poderá servir como indicador de pistas do que está acontecendo hoje com os demais estudantes do contemporâneo, sendo necessário que a escola (alunos e professores) passe a considerar a possibilidade de utilização de práticas como esta em seus ambientes, pois dessa forma teremos possibilidades de contemplar as diferentes linguagens, hábitos e interesses que estão rondando as instituições educativas onde circulam os alunos e professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Caroline et al. Ciberinfância: um desafio para os planejamentos pedagógicos. **Revista Novas Tecnologias na Educação** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 9, n.1, julho de 2011.
- BOCK, ANA et al. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13°. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- CANTARELLI, M. O processo de construção da aprendizagem na contemporaneidade: Novas tecnologias e seus desdobramentos. In: **Formação de professores**: Reflexões, pesquisa e problematizações. Pelotas: Ed. Da UFPEL, 2009. 152p.
- CARRARA, Kester. **Introdução à Psicologia da Educação**: Seis Abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.
- CORNIER, D: Rhizomatic Education: Community as Curriculum. Disponível em <http://www.innovateonline.info/pdf/vol4_issue5/Rhizomatic_Education-__Community_as_Curriculum.pdf>. Acesso em 20 nov. 2011.

- COSTA, M. Por uma estética das redes. **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Organizador André parente. Porto Alegre. Sulina, 2004. p.248-254.
- COSTA, R. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Web. 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Organizador Henrique Antoun. Rio de Janeiro. Mauad X, 2008. p.29-48.
- DOWNER, S: An Introduction to Connective Knowledge. Disponível em <<http://www.downes.ca/cgi-bin/page.cgi?post=33034>>. Acesso em 20 nov. 2011.
- DRYDEN, Gordon & VOS, Jeannette. **Revolucionando o aprendizado**. Makron books, 1996. 499p.
- FRAGOSO, Suely et al. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239p.
- IGNACIO A. **Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação**. Livro de ACTAS – 4º SOPCOM.
- KASTRUP, V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Organizador André parente. Porto Alegre. Sulina, 2004. p.80-90.
- MICONI, Andrea. Ponto de virada: a teoria da sociedade em rede. In: **Do público para as redes: A comunicação digital e as novas formas de participação social**. v.1 ed.1. São Caetano do Sul, São Paulo. Difusão, 2008. p. 145-173.
- MOTA, J: *Da Web 2.0 ao e-Learning 2.0: Aprender na Rede*. Dissertação de Mestrado, Versão Online, Universidade Aberta. Disponível em <http://orfeu.org/weblearning20/4_2_conectivismo#artigo_siemens>. Acesso em 18 nov. 2011.
- MÜLBERT, Ana et al. A interação em ambientes virtuais de aprendizagem: motivações e interesses dos alunos. **Revista Novas Tecnologias na Educação** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 9, n.1, julho de 2011.

MUSSO, P. A filosofia da rede. **Tramas da rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Organizador André parente. Porto Alegre. Sulina, 2004. p.17-38.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: **Tramas da Rede**. 1 ed. Porto Alegre, 2004

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web. 2.0. **Web. 2.0**: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Organizador Henrique Antoun. Rio de Janeiro. Mauad X, 2008. p. 101-122.

RADELLI, Mara & FRUET, Fabiane. Processo ensino-aprendizagem e interação entre alunos e professores potencializados pelas tecnologias da informação e da comunicação. **Revista Novas Tecnologias na Educação** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 9, n.1, julho de 2011.

RECUERO, R. Práticas de sociabilidade em *sites* de redes sociais: interações e capital social nos comentários do Fotolog.com. **Web. 2.0**: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Organizador Henrique Antoun. Rio de Janeiro. Mauad X, 2008. p. 123-147.

RECUERO, R: Orkut x Facebook: De novo. Disponível em <http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/orkut_x_facebook_de_novo.html>. Acesso em: 09 nov. 2011.

SANTAELLA, L. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. **Derivas**: Cartografias do ciberespaço. Organizador Lucia Leão. São Paulo. Annablume, SENAC, 2004. p. 45-54.

SIBILIA, Paula. Em busca da aura perdida: espetacularizar a intimidade para ser alguém. **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008

SIEMENS, G: Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. Disponível em <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2011.

SIEMENS, G: Learning Ecology, Communities, and Networks: Extending the classroom. Disponível em <http://www.elearnspace.org/Articles/learning_communities.htm> acesso em 20 nov. 2011.

SIEMENS, G: New structures and spaces of learning: The systemic impact of connective knowledge, connectivism, and networked learning. Disponível em

<http://elearnspace.org/Articles/systemic_impact.htm>. Acesso em 19 nov. 2011.

SILVA, A. **Blog educacional: O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO ensino**. 08 nov. 2007.

VEEN, Win & VRAKKING, Bem. **Homo zappiens: Educando na era digital**. São Paulo: Artmed, 2009. 139p.

XVI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO – SBIE – UFJF, 2005. FRANCO, M. **Blog Educacional: ambiente de interação e escrita colaborativa**. p. 309 a 319.